

## A diáspora negra na literatura brasileira: João da Cruz e Sousa

Loriana Andrade da Silva FERREIRA<sup>1</sup>

### Resumo

A diáspora africana foi um evento determinante para a formação da identidade negra. Marcada pela escravidão, foi um processo de intensa crueldade que contribuiu significativamente para a desestruturação cultural do povo negro. Depois de muita exploração, mesmo com a abolição a situação deles era miserável. O racismo era preponderante e legitimado pela própria ciência, permanecendo até os dias atuais, embora em menor escala. A literatura brasileira foi muito influenciada por essa visão racista, fazendo com que os negros aparecessem nas obras literárias apenas como estereótipos, quando apareciam. Contudo, mesmo em um meio completamente fechado, havia alguns escritores negros que se empenhavam na militância abolicionista, na busca de sua ancestralidade e de uma afirmação cultural. Neste estudo, propõe-se analisar dois poemas do célebre poeta João da Cruz e Sousa, um poeta que, por muito tempo, defendeu-se que negava sua raça e que não era comprometido com as questões étnicas e sociais vividas pelos negros. Hoje, a partir da análise da obra completa do autor, afirma-se o contrário. O percurso metodológico a ser percorrido consiste em, primeiramente, fazer uma revisão de literatura e uma contextualização histórica para, assim, tecer uma discussão sobre o autor e os dois poemas (“Escravocratas” e “Da Senzala”).

**Palavras-chave:** Diáspora Negra. Literatura Negra. Literatura Brasileira. Identidade. Cultura.

### Abstract

*The African diaspora was a crucial event for the formation of the black identity. Marked by slavery, was a process of intense cruelty that contributed significantly to the cultural disintegration of the black people. After a long time of exploration, even with the abolition, their situation was miserable. Racism was prevalent and legitimized by science itself, remaining to this day, although on a smaller scale. The Brazilian literature was very influenced by this racist vision, making the blacks appear in literary works just as stereotypes, when they appeared. However, even in a completely closed environment, there were some black writers who were engaged in the abolitionist activism in order to pursuit their ancestry and cultural affirmation. This study aims to analyze two poems of the famous poet João da Cruz e Sousa, a poet who, for a long time, critics advocated that he used to deny his race and it was not committed to ethnic and social issues experienced by blacks. Today, from the analysis of the complete work of the author, it is stated otherwise. The methodological approach to be followed is to, at first, do a literature review and historical context to build, then, a discussion about the author and the two poems (“Escravocratas” e “Da Senzala”).*

**Keywords:** Black Diaspora. Black Literature. Brazilian Literature. Identity. Culture.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Uberlândia, Minas Gerais; CEP 38402-900; landrade.s@hotmail.com.

Os estudos culturais compreendem a diversidade das culturas de maneira interna e externa, expondo suas multiplicidades e questionando a interação entre elas – negativa ou positiva, voluntária ou forçada. Para Hall (2013, p. 221) “os estudos culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado”. A ascensão dos estudos culturais está ligada ao retorno à história tendo maior impacto na década de 1990, após o auge dos ideais pós-estruturalistas.

Uma das discussões mais significativas, em se tratando de estudos culturais, é sobre a questão da identidade. Hall (2000) articula sobre isso e sobre a constituição do sujeito. Para ele, as identidades são construídas por meio da diferença, da relação com o outro. A afirmação de uma determinada identidade aconteceria através da repressão daquilo que a ameaça. Nesse sentido, o estudioso afirma que

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar nós próprios”. (HALL, 2000, p. 108-109)

Logo, pode-se dizer que a identidade de um povo não é algo pronto e acabado, mas algo em constante processo de construção. Diferente do que se pensa, mesmo utilizando aspectos históricos – numa espécie de ponto de partida – para estabelecer conexão entre as pessoas, a identidade não se resume a isso, ao passado. Tão importante quanto as raízes históricas é a possibilidade de transformação de um povo, transformação esta que pode ser influenciada pela forma como o povo foi representado.

A noção da representação de determinado grupo enquanto influência para a formação da sua identidade se mostrará muito válida no desenvolvimento deste estudo. Veremos que movimentos étnicos surgirão como forma de repressão à maneira como um povo é visto e representado. Essa adversidade surge de um choque cultural proveniente de uma interação entre dois povos diferentes.

Quando se fala em cultura, torna-se relevante abordar a questão do etnocentrismo. Rocha (1994) profere que etnocentrismo é ver o “outro” com a perspectiva do “eu”, ou seja, levar em conta a cultura do “eu” como a única correta, superior e verdadeira. Ao avaliar a cultura do “outro” conforme os valores, modelos e costumes próprios, o “outro” se torna estranho, inferior e primitivo. Essa visão etnocêntrica teve certa importância histórica, pois foi utilizada como justificativa por várias nações/etnias que se auto consideravam superiores para fins de colonização e exploração de povos.

O etnocentrismo está calcado em sentimentos fortes como o reforço da identidade do “eu”. Possui, no caso particular da nossa sociedade ocidental, aliados poderosos. Para uma sociedade que tem poder de vida e morte sobre muitas outras, o etnocentrismo se conjuga com a lógica do progresso, com a ideologia da conquista, com o desejo da riqueza, com a crença num estilo de vida que exclui a diferença. (ROCHA, 1994, p. 75-76)

Traçando o percurso da Antropologia enquanto ciência, o autor vai expor o trajeto da superação do etnocentrismo, que é a relativização. Grosso modo, a relativização seria a visão do “outro” a partir da perspectiva dele, e não da nossa. É ver as diferenças dele como alternativas distintas para problemas existenciais semelhantes, e não como ameaças.

Hoje, pode-se dizer que o pensamento relativista se sobrepõe ao do etnocentrismo, pelo menos no que tange ao campo científico – cientificamente falando, as culturas e etnias são vistas como diferentes, não como inferiores/superiores<sup>2</sup>. No entanto, cumpre dizer que, ao analisar o corpus literário, é necessário e importante compreender a visão etnocêntrica da época e como isso influenciou as obras literárias.

Um dos fatores mais importantes para a questão de formação de uma cultura é o movimento, que, forçado ou voluntário, é a base da evolução humana e da história da mudança em uma escala global, conforme Friedman (2007) assinala. Esses movimentos consistem no deslocamento de pessoas de uma região para outra, acarretando mudanças culturais: as pessoas podem “carregar” aspectos culturais próprios de sua região de origem e agregar à cultura do seu novo lar, ou ao contrário, elas podem incorporar elementos culturais da nova região à sua cultura de origem. De qualquer maneira, o deslocamento geográfico sempre resulta num intercâmbio cultural

---

<sup>2</sup>É importante diferenciar o científico do senso comum. Hoje, mesmo com a evolução dos estudos antropológicos, o senso comum é repleto de preconceitos e estereótipos.

que vai se mostrar significativa para a formação das identidades culturais. Friedman (2007, p. 260-261) contextualiza bem a noção dos movimentos dentro de estudos sistemáticos ao afirmar que

*Migrations, diasporas, and borders are nothing new; they have shaped human cultures from time imemorial. But as areas of inquiry in literary studies, they are relatively new, developing out of the past two and a half decades of innovation in the humanities. Rooted in the departures from New Criticism and from traditional forms of literary history in the 1970s, the study of migration, diasporas, and borders gathered momentum in the late 1980s and 1990s, emerging preeminently from postcolonial studies, the rising interest in travel writing, and the interdisciplinary fields centered on questions of identity – race and ethnic studies, gender studies, sexuality studies.*<sup>3</sup>

A partir do estudo dos movimentos, sejam eles nacionais ou internacionais, é possível investigar a constituição de novas etnias ao longo do tempo. Examinando a importância desses deslocamentos, pode-se definir como contribuíram para a (trans)formação das identidades.

Nesse sentido, o movimento que nos convém, neste estudo, é a diáspora, mais especificamente, a diáspora negra. Friedman (2007) define diáspora como migração mais perda, são comunidades que estão amplamente espalhadas, mas se mantêm unidas pela memória e por um senso de história durante um longo período de tempo. Para ela, na maioria das vezes esta história envolve opressão contra um povo, anexando, desse modo, um sentimento de sofrimento compartilhado.

Portanto, quando se fala em diáspora é preciso pensar em um povo que está separado geograficamente, mas unidos através de uma espécie de consciente coletivo, ligados emocionalmente. Diferente da migração, que geralmente é voluntária, a diáspora diz respeito a grupos que foram retirados de sua terra a força, expulsos por potências maiores.

A diáspora negra ou africana, especificamente, consistiu na venda de pessoas, em escala massiva, para as Américas do século XVI ao XIX. Friedman (2007,

---

<sup>3</sup>Migrações, diásporas e fronteiras não são novidades; elas têm moldado as culturas humanas desde tempos imemoriais. Contudo, como áreas de investigação em estudos literários, são relativamente novas, desenvolvendo, a partir de duas décadas e meia atrás, inovações nas humanidades. Enraizada no afastamento do Novo Criticismo e das formas tradicionais de história literária na década de 1970, o estudo da migração, diásporas e fronteiras ganhou força no final dos anos 1980 e 1990, surgindo proeminentemente a partir de estudos pós-coloniais, o crescente interesse em literaturas de viagem, e os campos interdisciplinares centrados em questões de identidade – raça e estudos étnicos, estudos de gênero e estudos de sexualidade. [Tradução nossa]

p. 271) assevera que “although becoming current in scholarly circles in the past fifteen years, the notion of the black diáspora has deep historical roots in the history of slavery”<sup>4</sup> O fato da dispersão desse povo estar intimamente ligada à escravidão será muito importante para a formação da identidade dele e para as manifestações culturais ligadas a ele.

Neste estudo, restringiremos a diáspora negra ao percurso África-Brasil, discutindo sobre a vinda, em grande escala, compulsória deste grupo do período colonial até o século XIX para fins de trabalho escravo. Nesse sentido, iremos refletir sobre como esse evento foi abordado na literatura brasileira e como manifestações literárias contribuíram para a (re)afirmação da identidade negra. O corpus selecionado para discussão é “Escravocratas e Da Senzala...” de Cruz e Sousa.

Para falar sobre a diáspora negra, é importante fazer uma, mesmo que breve, contextualização histórica. Primeiramente, vale ressaltar que escravidão é algo muito mais complexo do que simplesmente trabalho compulsório. É um processo dotado de crueldade inimaginável, conforme Chiavenato (1999, p. 6) ilustra:

Desde a captura na África, passando pelos sofrimentos nos tumbeiros que os trouxeram ao Brasil, os negros foram vítimas de desumanidade gerada pela escravidão. Morriam de peste, de fome, de surras; tinham os membros e os órgãos genitais arrancados; eram cegados, aleijados, ou jogados em formigueiros com o corpo besuntado de mel. Crianças eram sequestradas ao nascer e mortas para não desviar as mães do trabalho. Isso quando a gravidez progredia, pois constituía prática comum o aborto forçado: era mais barato comprar um negro “pronto” do que “criá-lo” nas senzalas. Negrinhos morriam para que suas mães amamentassem os sinhozinhos, que ao nascer já ganhavam um moleque escravo.

O negro tem grande valor na História do Brasil. Sem o trabalho dele, não teria havido desenvolvimento, já que a sua força de trabalho era a base e estrutura de tudo. Isso fica muito nítido quando se nota que, com o passar dos anos, mesmo com a mudança dos produtos (açúcar, ouro, café), o modo de produção no ciclo econômico permanece o mesmo: o escravo.

Assim como foi falado anteriormente, a ideologia etnocêntrica servia de justificativa para a exploração de outros povos. Deste modo, com o pretexto de que os africanos eram atrasados e primitivos, iniciou-se o movimento escravista. No entanto,

---

<sup>4</sup>Embora tenha se tornado atual nos círculos acadêmicos nos últimos quinze anos, a noção da diáspora negra tem profundas raízes históricas na história da escravidão. [Tradução nossa]

estudos confirmam que a justificativa utilizada pelos europeus era um tanto quanto equivocada, dado que a sociedade africana era bem desenvolvida: possuía técnicas agrícolas e capacidade econômica e cultural. O sistema social africano só foi se desestabilizando com a chegada dos portugueses, que promoviam guerras entre eles a fim de reforçar o tráfico negreiro.

A Igreja Católica, inclusive, a fim de fortalecer essa ideologia etnocêntrica, apoiava o tráfico negreiro pregando que era algo necessário porque os negros seriam batizados e suas almas seriam salvas. A vida terrena sofrida seria, supostamente, a remissão e compensação de seus pecados para que houvesse salvação. A imagem degradada do negro servia para legitimar a escravidão. A Igreja, na verdade, tinha grande participação financeira na questão do tráfico, padres possuíam escravos, quando não, eram até senhores de engenho.

Algo que chama muito a atenção é a dispersão que ocorria entre os negros: ao saírem da África e chegarem no Brasil, eles eram separados por idioma, etnia e parentesco para que eles não se comunicassem entre si e se organizassem. Era um meio de dominação entre os senhores a fim de evitar movimentos rebeldes.

Menos perceptível, mas talvez mais brutal, foi o processo de desestruturação cultural do negro. Da captura na África até sua intensa integração ao sistema de trabalho escravo nas fazendas brasileiras, os negros perdiam contato com sua tribo, seus costumes, sua família. Eram privados até do idioma, pois em geral juntavam-se negros de etnias diferentes. Seus valores naufragavam, porque não tinham condições práticas de sobrevivência num meio hostil, em que o irmão de infortúnio era um desconhecido. (CHIAVENATO, 1999, p. 46)

Esse processo de desestruturação cultural aconteceu, inclusive, em duas escalas. Inicialmente com essa primeira separação entre eles, e depois, já no século XIX com o tráfico interno, por causada abolição do tráfico negreiro através da intensa pressão inglesa. Como se tornou proibido trazer escravos da África, pais, filhos, esposas eram separados a fim de saciar o mercado.

Friedman (2007) ressalta que, pelo fato de a cultura local se perder aos poucos por causa da dispersão, algumas práticas – como tradição oral – e a formação de organizações religiosas, políticas, etc. contribuíram para o desenvolvimento de uma base das comunidades negras. A África acabou se tornando um centro de enraizamento

da identidade negra para conter as lamentações de uma diáspora tão brutal e do racismo sempre decorrente.

Seguindo neste percurso, é válido mencionar os quilombos, que eram formas de resistência e que simbolizavam a pátria africana. O Quilombo do Palmares, o mais famoso e o que resistiu mais tempo, pode ser considerado o “embrião de um Estado Negro, africano, dentro do Brasil” (CHIAVENATO, 1999, p. 66).

Mesmo depois da abolição a situação dos negros continuaria complexa. Vivendo na condição de marginalizados, mal conseguiam sobreviver. Eles continuariam a ser vistos como inferiores, a tal ponto que os brancos não os queriam povoando o Brasil. Ter uma população negra era sinônimo de atraso, e essa visão racista deu origem à chamada ideologia de branqueamento. Esperava-se que, através do “cruzamento” entre negros e brancos (surgiriam os mulatos), com o tempo, os negros iam desaparecendo, ocorrendo a “arianização” do país. É uma ideologia, hoje, absurda, mas que foi levada muito a sério na época por pessoas até de renome. O próprio discurso científico da época declarava a suposta inferioridade biológica do negro e ainda relacionava os aspectos físicos e biológicos a aspectos morais e culturais. Isso, de certa maneira, cristalizou o racismo de tal maneira que até hoje persiste.

Buscadas no contexto escravocrata e colonial, relacionam-se à sua justificação e legitimação, visando alienar e inferiorizar os negros em todos os planos. Nesse processo, fez-se um paralelismo forçado entre o cultural e o biológico. Pelas diferenças biológicas entre povos negros e brancos, tentou-se explicar as culturais e concluir-se por uma diminuição intelectual e moral dos primeiros. (MUNANGA, 1988, p. 05)

Entender a ideologia do branqueamento é muito importante para compreender a representação do negro na literatura brasileira, que geralmente será estereotipada. Proença Filho (2014), ao contextualizar a trajetória do negro na literatura brasileira, destaca a necessidade de se diferenciar a literatura sobre o negro e a literatura do negro. Esta sendo como a literatura produzida pelos negros e aquela como a literatura em que o negro é o sujeito.

Durante todo seu estudo ele reitera o quanto a literatura brasileira é repleta de estereótipos, que foram consolidados no século XIX e que permanecem até hoje nas obras literárias. Dentre esses estereótipos, ele cita: o escravo nobre, o negro vítima, o negro infantilizado, o escravo demônio, o negro pervertido e o negro exilado na cultura brasileira. Utiliza-se a visão etnocêntrica para justificar o racismo: não falar dos negros

ou representá-los negativamente (estereótipos) é uma maneira de reforçar o estilo de vida deles. Estes estereótipos estão relacionados com mitos que criavam sobre a personalidade negra a fim de difamá-los. Proença Filho (2004, p. 166) afirma que

A prevalência da visão estereotipada permanece dominante, aliás, na literatura brasileira contemporânea, pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir, paralelamente, textos compromissados com a real dimensão da etnia.

Portanto, a visão estereotipada do negro vai permanecer predominante, embora hoje haja posicionamentos que são contrários a essas distorções e que lutam pela afirmação cultural do negro. Muitas obras, inclusive, vão inserir o branqueamento de personagens negros na tentativa de uma maior aceitação, como *A Escrava Isaura*, por exemplo. O negro, numa obra literária, não poderia ser levado a objeto estético, o que mostra o elevado grau de racismo existente. Mas esta é a literatura **sobre** os negros.

A Literatura **do** negro implica a compreensão da formação da identidade negra. A Negritude, movimento de reação diante do racismo desmedido praticado pelos brancos, oficialmente desenvolvido na década de 1930, foi muito relevante para a reafirmação da cultura africana. A escolha do termo “negritude” foi justamente para reverter o sentido pejorativo da palavra negro, extraindo um sentido positivo. Era uma maneira de “tirar a arma” dos brancos, pois, ao se assumirem negros orgulhosos, o insulto ficava sem sentido.

Durante muito tempo, o grau de alienação dos negros era muito alto: o racismo era tão exacerbado, que eles realmente nutriam um sentimento de inferioridade. Logo, buscando aceitação, eles assimilavam a cultura europeia a fim de um embranquecimento cultural – vestiam-se, agiam como europeus. Mas, mesmo assim, considerando uma pessoa negra e uma pessoa branca na mesma posição, dificilmente a primeira tinha os mesmos privilégios que a segunda e continuava a ser vítima de humilhação. Quando perceberam que isso dificilmente resultaria numa isonomia social, é que começaram a pensar numa identidade própria.

O movimento procurava resistir a essa assimilação cultural. Estimulava-se que o negro não deveria ter vergonha de si mesmo, que deveria aceitar sua ancestralidade e buscar sua identidade negra, africana. Bernd (1988, p. 43) assinala que



Qualquer que seja o nome que adotem ou venham a adotar os movimentos negros, uma coisa é certa: o mundo negro da diáspora, ou seja, a dispersão dos negros pelo mundo em função da instituição escravagista, dado o caos cultural em que se encontra, pelo processo de *desterritorialização* de que foi vítima tem uma necessidade premente de um discurso comum, de um cimento ideológico para se lembrar. [grifo deles]

Logo, ao reconhecer sua identidade, o negro assume a primeira pessoa do discurso na literatura, mostrando-se não como um coadjuvante estereotipado, mas como o protagonista. Surge, então, uma literatura não mais dominada por estereótipos, e sim compromissada com a etnia. Munanga (1988, p. 24) vai dizer que

Poetas, romancistas, etnólogos, filósofos, historiadores etc. quiseram restituir à África o orgulho de seu passado, afirmar o valor de suas culturas, rejeitar uma assimilação que teria sufocado a sua personalidade. Tem-se a tendência, sob várias formas, de fazer equivaler os valores das civilizações africana e ocidental. É a esse objetivo fundamental que correspondem as diversas definições do conceito de negritude.

Contudo, mesmo antes do movimento oficial da década de 30, já havia escritores compromissados com sua etnia, alguns poucos a frente de seu tempo. João da Cruz e Sousa (1861 – 1898), é um caso um tanto quanto interessante. Negro e nascido no período escravagista, filho de escravos, é um dos maiores nomes do Simbolismo no Brasil e é conhecido internacionalmente.

O Simbolismo foi um movimento literário marcado pelo misticismo, subjetivismo e transcendentalismo. Surgiu na França no final do século XIX em oposição às escolas literárias realistas e naturalistas, em que prevalecia a razão. Um dos grandes nomes do movimento é Charles Baudelaire, francês que provavelmente foi grande influência para Cruz e Sousa.

Leminski (1990) destaca o quanto é irônico um negro, naquela época, no Brasil, ter recebido educação de qualidade a ponto de dominar e usar a arte poética branca para cantar sua condição de negro. É, de fato, algo surpreendente, levando-se em conta que os negros, em geral, no período abolicionista, (sobre)viviam miseravelmente, pois estavam entregues à condição de marginalizados. Cruz e Sousa superou muitos obstáculos, mas ainda sofria muito com o racismo existente ao seu redor, que muitas vezes o impedia de ter uma vida normal. Ele utilizou a arte poética para cantar a angústia de sua condição.

Que outra figura [a ironia] calharia a este negro retinto, filho de escravos do Brasil imperial, mas nutrido de toda a mais aguda cultura internacional de sua época, lida no original? Quais formas exprimiriam a radicalidade com que Cruz e Sousa assumiu a via poética, como destino de sofrimento e carência a transformar em beleza e significado? Na poesia, na realização enquanto texto, Cruz e Sousa superou o dilaceramento provocado pelos antagonismos de ser negro no Brasil (mão de obra) e dispor do mais sofisticado repertório branco de sua época (o “Espírito”). (LEMINSKI, 1975, p. 21)

Algo que chama muito a atenção e é importante desconstruir é a visão de que Cruz e Sousa negava sua raça. Durante muito tempo a crítica assegurou que nem ele nem seus poemas tinham algo da militância abolicionista, afirmou-se até que, em seus poemas, o poeta utilizava cores brancas relacionadas a coisas boas e cores pretas a ruins, numa suposta tentativa de recusar mesmo sua etnia. A partir de estudos mais aprofundados percebeu-se que essa não era uma característica própria dele, mas que os simbolistas em geral tendiam a fazer essa relação e a privilegiar a cor branca, dado o teor transcendentalista do movimento.

“Negro de alma branca” foi uma frase bastante utilizada pela crítica, tentando mostrar um poeta que não se importava com os problemas enfrentados pelos negros, um poeta que desconsiderava sua origem e vivia o “mundo branco”. Hoje esta hipótese é refutada pela crítica, que também notou que Cruz e Sousa era sim muito engajado e comprometido com sua etnia. Tendo em vista o que foi aqui estudado, poder-se-ia pensar que esse fenômeno foi uma tentativa de embranquecimento do poeta para legitimar sua literatura, pois na mente de muitos, um poeta negro simplesmente não poderia ser tão bom, era necessário que houvesse algo branco nele.

Cruz e Sousa sofreu veemente preconceito racial, inclusive foi impedido de assumir o cargo de promotor por causa disso. Ele combatia, então, esse preconceito de que era vítima. Quando estava na imprensa catarinense, escrevia crônicas abolicionistas, repudiando a situação vivenciada pelos negros. Não eram todos os seus poemas que abordavam essa questão, mas os que abordavam tinham uma força gigantesca, um grito aflito que pedia por mudanças, amargura em forma de palavras.

Seguindo este percurso, foram escolhidos dois poemas de caráter abolicionista do autor para serem analisados. Fica claro que, em se tratando de Cruz e Sousa, não é possível analisar os poemas levando em conta apenas aspectos linguísticos,

é importante considerar, também, as conexões exteriores. Moisés (2007, p. 34) complementa que

Apenas procuro frisar o seguinte: 1) uma análise literária que se pretenda completa e profunda acaba apelando para aspectos externos; 2) o próprio texto é que determina o caminho a tomar. Assim, se uma obra não reclama a consideração da biografia de seu autor, excusa de a convocar para a análise. No entanto, se se tornar imperioso o recurso biográfico, temos de utilizá-lo, sob pena de malbaratar a compreensão integral do texto.

Ambos os poemas, “Escravocratas” e “Da Senzala...”, foram publicados em 1945, quase 50 anos após sua morte, no Livro Derradeiro.

### ESCRAVOCRATAS

Oh! trânsfugas do bem que sob o manto régio  
Manhosos, agachados – bem como um crocodilo,  
Viveis sensualmente à luz dum privilégio  
Na pose bestial dum cágado tranquilo.

Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas  
Ardentes do olhar – formando uma vergasta  
Dos raios mil do sol, das iras dos poetas,  
E vibro-vos à espinha – enquanto o grande basta

O basta gigantesco, imenso, extraordinário –  
Da branca consciência – o rútilo sacrário  
No tímpano do ouvido – audaz me não soar.

Eu quero em rude verso altivo adamastórico,  
Vermelho, colossal, d’esrúpito, gongórico,  
Castrar-vos como um touro – ouvindo-vos urrar!

Ao longo do poema, podemos perceber um teor indignado, furioso. O soneto, rimado e com versos alexandrinos, tem um vigor melódico bem acentuado. A linguagem é rica e criativa. Começa-se logo com uma interjeição, exprimindo um sentimento de raiva sugerido pelo ponto de exclamação. Na primeira estrofe o eu-lírico se dirige a alguém, trata-se do título do poema: escravocratas. O vocativo se perdurará por todo o poema.

Na primeira estrofe fica bem evidente a visão do eu-lírico sobre os escravocratas, ao chamá-los de “trânsfugas” – neste caso, indivíduos que renunciam aos seus princípios – que, “sob o manto régio”, ou seja, com o suporte do Rei, vivem privilegiados. Poder-se-ia pensar que, a utilização da palavra “trânsfugas” foi para

realçar como as atitudes cruéis e desumanas dos escravocratas e da própria Igreja Católica, que legitimava a escravidão, eram contrárias ao que a religião cristã pregava. Trata-se de uma grande hipocrisia por parte deles. Faz-se, ainda, uma comparação com dois animais, o crocodilo e o cágado, fazendo uma alusão ao modo como vivem ambos (os animais e os senhores): manhosos e tranquilos.

Na segunda estrofe, há uma inversão de papéis, de modo a transformar o escravocrata no sujeito escravizado. No primeiro verso, a disposição das palavras e a fonética sugerem essa imagem fazendo entender que vós (os escravocratas) são os escravos: “Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas”. No segundo verso o eu lírico utiliza a palavra vergasta, que se remete à castigo e açoite, e no quarto verso ele afirma que vai vibrá-la na espinha dos escravocratas. Esta vergasta seria formada pela ira dos poetas e os castigaria, assim como os escravos eram castigados, até que surgisse o grande basta.

O grande e imenso basta, já na terceira estrofe, teria que vir da branca consciência, daqueles que escravizam e condenam os negros. Ao falar do “rútilo sacrário”, o eu lírico permite algumas interpretações. O sacrário pode ser o lugar onde se guarda os mais tenros sentimentos humanos, dando a entender que o basta teria que ser algo genuíno, de coração. Contudo, é também o lugar onde se guarda e conserva a sagrada eucaristia, podendo ser uma volta ao início do poema, numa tentativa de exigir que os escravocratas e a própria Igreja Católica assumissem seus erros e seu descompromisso com os preceitos cristãos.

Na quarta e última estrofe o eu lírico faz referência a Camões, através de Adamastor, e a Gôngora. Ele quer estar à altura destes dois célebres poetas; quer, com seus versos fortes, altivos e vigorosos, devolver todas as chibatadas recebidas pelos escravos. A figura do gigante de Camões está sendo usada como uma metáfora para a força e o vigor necessários para uma vingança contra os escravocratas. O ponto de exclamação no último verso contribui para sugerir fúria na fala do eu lírico.

O poema, como um todo, projeta fortes emoções. Nitidamente, em tom de denúncia, é declarada guerra contra o racismo, o poeta quer mostrar que é sim grande, que está à altura de qualquer um branco. Prova disso é a linguagem repleta de riqueza conotativa, a estética e a estrutura utilizada na construção do soneto.

DA SENZALA...

De dentro da senzala escura e lamacenta  
Aonde o infeliz

De lágrimas em fel, de ódio se alimenta  
Tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada  
Alegre e sem rancor,  
Porém que foi aos poucos sendo transformada  
Aos vivos do estertor...

De dentro da senzala  
Aonde o crime é rei, e a dor — crânios abala  
Em ímpeto ferino

Não pode sair, não,  
Um homem de trabalho, um senso, uma razão...  
e sim um assassino

O soneto traz uma estrutura de rimas igual ao anterior, mas a métrica é alternada em versos alexandrinos e hexassílabos. As reticências, no título, detêm um papel subjetivo. Poder-se-ia pensar na ideia de lamentação de um eu lírico angustiado, como se fosse um suspiro.

Estilisticamente, está em evidência uma linguagem requintada e riqueza em imagens poéticas. O hipérbato é utilizado e traz um certo teor de musicalidade para o poema, característica comum de Cruz e Sousa.

O poema como um todo trabalha muito a questão sinestésica, trazendo imagens que ilustram o sentimento do escravo. Na primeira estrofe, na tentativa de mostrar a condição miserável e infeliz dele, expõe-se a imagem de um lugar sujo e obscuro, o lugar onde vive: a senzala. O verso “de lágrimas em fel” traz ao leitor o gosto amargo do ressentimento sentido pelo escravo.

Percebe-se a transformação do escravo, devido ao trabalho compulsório e às crueldades sofridas, de ser humano para um ser sem razão. Um ser que vive em condições animais acaba se tornando um animal, o meio o transforma. Isso fica visível ao escolher a palavra “ferino” no terceiro verso da terceira estrofe, que está ligado a selvagem. Esse aspecto se confirma também na última estrofe, em que Cruz e Sousa equipara o escravo ao assassino, pois as agressões sofridas e ambiente nocivo só podem formar um criminoso, jamais um homem honrado.

Ao falar da alma que se torna meretriz, temos uma relação metafórica entre os termos: a alma, que é algo genuinamente puro, “imaculado”, tornou-se meretriz, concebido pelo senso comum como algo sujo, imoral. Aos poucos, as personalidades dos viventes daquele meio vão se degenerando.

Apesar do nítido teor de propaganda abolicionista, percebe-se um caráter mais racional em relação ao poema anterior. Em “Escravocratas” temos um eu lírico que sofre naquela condição, neste poema há um maior distanciamento entre o eu lírico e a cena, como se fosse alguém de fora falando sobre aquela imagem. Mas esse distanciamento e esse caráter mais racional não exclui a visão negativa que se tem da escravidão.

Este estudo nos possibilitou visualizar que a trajetória do negro no Brasil e na Literatura Brasileira foi bastante complexa. Repleto de estereótipos e de racismos, era assim que o negro, na maioria das vezes, era retratado em obras literárias. Para que ele fosse levado a objeto estético, fosse representado como um ser humano de fato, os autores tinham que transpor barreiras sociais, psíquicas e estéticas.

Cruz e Sousa, um poeta que sofreu e denunciou sua condição de negro com uma poesia impecável, por muito tempo foi visto como alguém que rejeitava sua etnia. Estes dois poemas contribuem para a desmistificação, a desconstrução dessa imagem de um Cruz e Sousa avesso às causas sócio raciais. Foi chamado de “negro de alma branca” simplesmente por dominar a arte poética e conseguir produzir poesia equivalente a que brancos faziam. Era como se um “negro de alma negra” não conseguisse tal feito.

O fato é que Cruz e Sousa acabou se tornando um dos maiores nomes do Simbolismo no Brasil, ficou conhecido, inclusive, no mundo inteiro. Além de ter usado os versos para cantar a angústia da vivência negra em um mundo tão racista, pode-se dizer que uma das maiores contribuições para a identidade negra foi ele – negro, filho de escravos – ter sido reconhecido como o grande poeta que era.

### Referências bibliográficas

BERND, Z. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, A. Cruz e Sousa. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo, Cultrix, 1975, p. 302-310.

CÂNDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 1975. 2º volume.

CHIAVENATO, J. J. **O negro no Brasil: Da senzala à abolição**. São Paulo: Moderna, 1999.

FILHO, D. P. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>>. Acesso em: 08 jun. 2016

FRIEDMAN, S. S. Migrations, Diasporas, and Borders. In: NICHOLLS, D. **Introduction to Scholarship in Modern Languages and Literatures**. New York: MLA, 2007. 260–293.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133

LEMINSKI, P. **Cruz e Sousa – O Negro Branco**. Vida. Porto Alegre, Sulina, 1990. (biografia)

MOISÉS, M. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988. 2ª ed. Coleções especiais: Princípios.

ROCHA, E. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SOUSA, J. C. **Obra completa: poesia**. Organização e estudo por Lauro Junkes. – Jaraguá do Sul : Avenida ; 2008. v. 1 (612 p.)

SOUZA, L. A. Um emparedado na “Torre de Marfim”? Os temas da escravidão e do abolicionismo na fortuna crítica de João da Cruz e Sousa. In: **6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Florianópolis: UFSC, 2013